

QUESTÃO RACIAL E SERVIÇO SOCIAL: UM OLHAR SOBRE SUA PRODUÇÃO TEÓRICA ANTES E DEPOIS DE DURBAN^{1*}

Joilson Santana Marques Junior**

Resumo

O motivo que me levou a pesquisar a relação entre o serviço social e a questão étnica racial está diretamente relacionado à questão social e um dos seus pilares no Brasil é a desigualdade racial, expressa através das disparidades econômicas e sociais encontradas ao se observar a realidade vivenciada por brancos e negros.

A pesquisa ora apresentada pretende entender como vêm se dando à trajetória da questão racial dentro do serviço social e como esse debate tem sido incorporado em sua produção teórico-metodológica. E se houve impacto nessa produção, a partir da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo a Xenofobia e Intolerâncias Correlatasⁱ, ocorrida em 2001.

Palavras Chave: Serviço Social, Discriminação Racial, Conferência de Durban.

Abstract

What to leave me to search the relationship among social work e ethnic racial question is directly connect to fundamentals about social work, because we understand that the materiality's profession is based in the social question and that one of us pillars in Brazil is the racial inequality exposed across disparities economical and socials in the reality of whites and blacks.

The actually search pretends understand the racial question trajectory into social work, and how this debate have been incorporated in your theoretical and methodological production. Which the impact since the III World Conference Against Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Related Intolerance realized in 2001.

* A reflexão ora apresentada é parte do trabalho de conclusão de curso intitulado: “Serviço social e questão racial: uma análise de sua produção teórica no pós Durban”, elaborado sob a orientação da Prof.Dr. Magali da Silva Almeida.

** Assistente social do Centro de Referência e Promoção da cidadania LGBT/Capital/SEASDH; Mestre em Ciências pelo IFF/FIOCRUZ.

Key Words: Social Work, Racial Discrimination, Durban's Conference

Porque Serviço Social e Questão Racial?

Um primeiro ponto a ser levado em consideração é que segundo IAMAMOTO (2002) a questão social é o que da materialidade ao serviço social, no entendimento da autora a questão social expressa, desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico raciais e formações regionais. Entretanto acredito que a questão racial não só mediatiza a questão social no Brasil, como ela ganha novos contornos, isso porque, é na construção da ideologia racista que se assenta o Brasil.

Portanto desigualdade econômica e desigualdade racial si irmanam no Brasil. Uma demonstração concreta é a dinâmica do mercado de trabalho e do sistema educacional brasileiro, que segundo matéria do Jornal do Brasil:

A cor da pele é fator decisivo nas relações de trabalho no Brasil. Em março, o desemprego afetou mais os negros e pardos. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas mostra também que a maioria da população negra ganha menos da metade do salário recebido por brancos, trabalha sem carteira assinada e tem o 1º grau incompleto.
- (JORNAL DO BRASIL 05/06/2004)

Esses dados esclarecem o quadro da desigualdade racial como um dos pilares da desigualdade social. Não é possível continuarmos a desconsiderar a categoria “raçaⁱⁱ” como instrumento de análise para a construção do sistema de iniquidades social econômica e cultural que vivencia a maioria da população brasileira.

No entanto salientamos que a A categoria “raça” biologicamente não existe nesse trabalho ela será utilizada por entendermos que enquanto conceito social ela hierarquiza e estratifica os seres humanos. É preciso situar este conceito apenas como um conceito de análise de fenômenos sociais, nas palavras de Guimarães “[...] as raças são, cientificamente, uma construção social“ (GUIMARÃES, 2003:95).

Outro aspecto é o fato de a profissão ter como principal instrumento de trabalho as políticas sociais, segundo FALEIROS(1989) O que singulariza este instrumental é a sua vinculação com a realidade, ou seja, o fato de serem essas políticas geradas a partir do conflito e correlação de forças entre grupos, classes, segmentos de classes no seu embate com o Estado na busca por expandir e aprofundar direitos.

Logo, como é possível pensar em políticas sociais no Brasil e não considerar o diferencial gerado pela exclusão econômica, social e cultural de cerca de 76 milhões de pessoas pertencentes ao segmento negroⁱⁱⁱ, mas esse é o fenômeno que historicamente vem ocorrendo em termos de formulação e execução de políticas sociais, o que se traduz na invisibilização desta população balizada pela suposta democracia racial.

E por fim, A implementação de políticas de ação afirmativa em que os assistentes sociais estão sendo chamados a atuar, e que não estão saindo da academia capacitada para esta discussão e muitas vezes, nem mesmo proposta ao dialogo sobre esta temática.

Em suma estamos tratando de uma profissão que trabalha com a política social, via de regra compondo quadros técnicos para intervenção junto a esta política. Desse modo, torna-se imprescindível conhecer o tema e como a profissão vem abordando a questão racial, a partir da sua produção de conhecimento.

Para isso pesquisamos de que maneira o serviço social vem se apropriando da discussão étnico/racial. A partir das aproximações iniciais com o objeto foram traçados dois caminhos para conhecer a questão: a primeira que procura investigar quando esta passa a ser objeto da preocupação profissional e onde tem si evidenciado, e se houve algum impacto nessa produção após a Conferência de Durban.

Para a primeira etapa investigamos, quando este debate chega ao Serviço Social, através de entrevista com a orientadora da presente pesquisa, Magali da Silva Almeida, já que a mesma foi uma das protagonistas deste movimento, revisamos a produção dos Congressos Brasileiros de Serviço Social, a partir de 1989^{iv}(Data em que se registram as primeiras teses sobre o assunto), mapeamos a produção de livros sobre a temática , e investigamos a existência de artigos na revista Serviço Social e Sociedade da sua primeira triagem até 2000

Breve resgate da temática racial na produção acadêmico-profissional

Ao retomar ao que levou a incursão desta discussão no sexto CBAS, Almeida expõe que foi a expressiva conjuntura de 1989 que contribuiu para a colocação deste debate na ordem do dia. Afinal foi um momento de enorme mobilização no Brasil, pois no ano anterior havia acontecido a Constituinte. O movimento negro estava em uma onda crescente de mobilização em torno da discussão racial e do lugar historicamente reservado

ao negro na sociedade brasileira, de tal modo que a quase totalidade de assistentes sociais que encamparam esta discussão também estavam de alguma forma relacionados com a militância no movimento negro, fazendo com que a categoria acabasse por não conseguir se furta a este debate. (ALMEIDA, 2006)^v

O CBAS é uma das expressões mais contundentes da discussão sobre a organização da categoria, portanto, uma das formas de conhecer as reflexões e inquietações da mesma, o que por si só justificaria o mapeamento desta questão através de suas teses e trabalhos. Porém, ele ainda foi o palco por onde se deu a inserção desta temática.

No VI CBAS foram apresentadas duas teses:

a) Tese 7- Autoras: Maria José Pereira, Matilde Ribeiro, Suelma Inês Alves de Deus. Estado: São Paulo; “*A questão racial enquanto elemento de uma prática transformadora*”:

b) Tese 8 – Autoras: Magali da Silva Almeida; Fátima Cristina Rangel Sant’Ana ; Estado: Rio de Janeiro; “*O Serviço Social e os bastidores do racismo*” ; .

É preciso reconhecer que a questão racial já permeava o fazer profissional desde os seus primórdios^{vi}, mas é em 1989 que ela passa a ser reivindicada por algumas assistentes sociais como uma categoria de análise.

A tese apresentada por Maria José Pereira, Matilde Ribeiro, Selma Inês Alves de Deus, expressa: A questão racial enquanto elemento de uma prática transformadora coloca em questão a não incorporação da discussão a respeito do negro no serviço social, “percebemos a ausência de discussão e prática em torno desta questão em torno desta questão no serviço social e a insuficiência com que ocorre nos organismos representativos em geral”. (PEREIRA, RIBEIRO & DEUS, 1989:9)

Assim como para Almeida e Santana fica expresso que a luta pela construção do socialismo não consiste apenas na extinção da base econômica que determina a exploração capitalista. “É fundamental que essa luta alcance as bases ideológicas que justificam as desigualdades por elas geradas (racismo, machismo, violência etc.) . (ALMEIDA & SANT’ANA, 1989:10).

Ambas as teses consideravam que para entender a exploração de classe era necessário compreender a opressão racial e outras formas de tirania que atravessam a questão da classe.

No relatório final do Congresso houve a indicação para a inclusão de um eixo temático que discutisse raça/etnia e que viesse a garantir uma maior visibilidade para a questão (RELATÓRIO VI CBAS, 1991).

No Congresso ocorrido em 1992, em São Paulo não há trabalho sobre raça/etnia, em um Universo de 90 teses apresentadas, o que é sintomático da dificuldade em si incorporar essa discussão ao seio da profissão. Porém é interessante salientar que existe uma tese no eixo: O Serviço Social e o Movimento dos Trabalhadores na Sociedade Civil: Tese 1 - *As Escolas de Samba enquanto Organizações Populares – Análise do seu potencial político-ideológico*.

Na referida tese a autora trata do potencial político-ideológico das escolas samba sem, contudo escrever sobre as origens, ou mesmo representatividade da negritude nas mesmas. Ademais segundo ANDREWS (1998), as escolas de samba desde seu início constituíram focos de resistência da cultura negra e a autora não consegue verificar esse movimento na tese que apresentou.

No Congresso de 1995, é importante destacar que, segundo Werneck (2005) é nesse ano que ocorre o reconhecimento pelo Estado brasileiro do racismo é criado o eixo temático para que fossem apresentadas teses sobre o tema das relações raciais: “O Serviço Social Frente às Relações de Gênero e Etnia”

No Congresso de 1995 foram apresentadas 205 teses, das quais apenas 3 teses, versavam sobre a negritude.

A tese 139, intitulada: “*Serviço Social Gênero e Etnicidade: Tecendo as Primeiras Aproximações*” de autoria de Marlise Vinagre Silva, expõe a dificuldade de engajamento teórico do serviço social junto às questões de gênero e etnia, mas também relata como a primeira vem ganhando espaço em relação à segunda.

Além de se remeter à inter-relação firmada entre conhecimento da realidade e intervenção profissional, Silva ainda coloca a importância de tais categorias para a ultrapassagem da ordem estabelecida, ao perceber que a classe trabalhadora não é homogênea e que os pertencimentos de gênero e étnico/racial modelam as inserções dos sujeitos nas classes sociais. “[...] Então o que é o ponto de vista dos homens, dos ricos e dos brancos aparece como forma de pensar/sentir de todos e o que é diferença passa a ser inferioridade natural” (SILVA, 1995:322).

E por fim, a autora ressalta que classe, “raça” /etnia e gênero constituem os eixos estruturantes da vida social e como tal faz-se mister para a profissão estudá-los.

Na tese 146: “*O Serviço Social e a Questão Étnico/Racial*”, apresentada por Elisabeth Aparecida Pinto, a autora nos informa que a mesma é resultado de suas reflexões na graduação que culminou com a produção do seu trabalho de conclusão de curso, em 1986, e que tinha como objeto o serviço social na sua relação com a clientela negra.

Pinto avançou sua elaboração teórica nesta tese para a relação estabelecida entre o serviço social, etnia e neoliberalismo.

E segue fazendo indicativo de que a situação social dos afro-brasileiros tende a piorar com a guinada neoliberal do Estado, haja vista a situação de pobreza e abandono em que se encontrava essa parte da população e do racismo que acarreta discriminações de diversas ordens que acabam por obstacularizar o acesso da população negra a trabalho, educação etc.

Outro ponto abordado pela autora de forma resumida é a pesquisa empreendida sobre o serviço social e sua relação com a clientela negra, donde se conclui que em diversos momentos de sua atuação profissional o assistente social reitera práticas racistas, ademais segundo a autora a percepção da profissão sobre essa questão vai sendo balizada por uma visão ancorada no mito da democracia racial, ou da simples culpabilização do negro a respeito do racismo ou ainda no reducionismo de que a questão de classe resolve por si só. A última tese é de numero 148 Rosana Mirales: “*Evidencias de Um Território Negro no Vale do Ribeira, São Paulo*”.

A autora da tese nos situa em relação a sua experiência profissional no Vale do Ribeira e do projeto de pesquisa no qual participa onde lhe foi oportunizado, através da interdisciplinaridade do projeto, o entendimento mais aprofundado a cerca da questão racial.

A autora salienta que é importante estudar essas comunidades por que num contexto de globalização e esmagamento das culturas e modos de vida locais a sobrevivência desse tipo de comunidade pode ser entendida como elemento de resistência.

O que nos chama atenção nesse trabalho é o fato da autora ser a primeira dentro do serviço social a socializar uma produção que identifica a identidade negra com a perspectiva da resistência. Podemos até nos arriscar em dizer contra-hegemônica, a saber:

“[...] a compreensão de mecanismos de reprodução cultural de um grupo tradicional que constantemente se rearranja enfrentando conflitos que lhes são colocados, reservando singularidades expressas em sua identidade” (MIRALES, 1995:352).

Ao olharmos essas três produções podemos perceber que as duas primeiras versam sobre a relação estabelecida entre o serviço social e a questão racial. A última, porém estabelece um novo viés ao partir do exercício profissional e a proposição de uma discussão de identidade e resistência. Portanto, mesmo que o quantitativo de trabalhos estivesse muito abaixo do esperado, ao menos constatamos duas áreas se delineando em relação ao pensamento teórico-profissional sobre o serviço social e sua relação com a negritude.

A partir do IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (1998) deixam de ser apresentadas às teses e as apresentações passam a modalidade de comunicação oral e pôster.

O eixo que trata das relações raciais passou a chamar-se “Etnia e Gênero”. Foram apresentadas ao Congresso 91 comunicações orais das quais, apenas duas eram sobre relações raciais.

A primeira comunicação é de autoria da Professora e assistente social Magali da Silva Almeida sob o título de: “*O Imaginário como criação: O Candomblé como Resistência*”.

No princípio da explanação autora nos diz que seu objetivo com o texto é analisar o potencial do “imaginário negro brasileiro na instituição do candomblé no Brasil”. (ALMEIDA, 1998)

A autora situa a discriminação histórica sofrida pelos cultos de origem africana, assim como aquela sofrida por outras manifestações de origem africana. Expressa ainda a necessidade de se fazer esse debate no seio da profissão

O Candomblé é compreendido para além de seu sentido religioso, ganhando uma perspectiva filosófica na vida dos seus iniciados. É sobre essa ótica que o candomblé é incorporado por seus seguidores e se constitui no imaginário social dos mesmos. “Assim, o imaginário é motivado por uma lógica própria, inerente a um ethos e uma visão de mundo específico”. (ALMEIDA,1995:249)

A autora finaliza seu trabalho expressando o quanto Candomblé é importante no sentido de resistir ao domínio eurocêntrico ocidental, “O Candomblé responde através da

manutenção da tradição religiosa o desafio secular de resistir ao domínio ostensivo do poder ocidental” (ALMEIDA, 1995:249) .

A segunda Comunicação oral que abordaremos é de Rosana Mirales sob o título de: “*A Identidade Quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva*” em que a autora retoma o projeto que estava começando a desenvolver no trabalho citado anteriormente. É interessante perceber que no título de sua comunicação há uma mudança em relação a identidade das comunidades pesquisadas pela autora, que nesse congresso utiliza o termo quilombolas. Segundo a autora Quilombolas é categoria de identificação que vem se desenvolvendo desde o final da década de 80 e que ganha impulso através da necessidade dessas comunidades defenderem a posse de suas terras frente a invasores de toda ordem

Mirales expõe que seu estudo pretende abordar o processo de transmutação da identidade dessas comunidades que num primeiro momento se afirmavam como comunidades negras e passam a se identificar como descendentes de quilombos. Para tanto a autora recorre a historicização das comunidades. Por fim Mirales expõe que é na sua identificação como quilombolas que reside a sua resistência, pois ao se auto-identificar as comunidades confrontam as formas como são percebidos pelo em torno.

Tivemos no IX Congresso 106 pôsteres dos quais, apenas um versava sobre questão racial, intitulado: “*Hipertensão: uma doença étnica e social*” apresentado por Suely Regina Boulos.

É importante sinalizar que em seu título há uma nova perspectiva de análise até então não socializada através dos Congressos que é o tema da saúde da população negra. Nesse sentido, podemos considerar o seu trabalho como pioneiro, pois sua investigação recai sobre um aspecto ainda pouco estudado.

A autora aborda temática da hipertensão a partir de estudos norte americanos que caminham em duas tendências uma geneticista e outra que recorre aos aspectos sociais relacionados a vivência de situação de preconceito e discriminação como fonte da maior incidência de hipertensão entre negros

Por fim, a autora nos apresenta a sua própria pesquisa que constatou que a discriminação, o estresse e a opressão estão entre os principais fatores relacionados à maior incidência dessa doença na população negra.

Nesse Congresso ainda temos uma sub representação dos temas relacionados à “raça”/etnia, porém, nos trabalhos expostos sobressaíram-se duas categorias principais.

Nas apresentações de Almeida e Mirales há ênfase na questão da identidade enquanto resistência e forma de organização em torno da qual a população negra redimensiona sua história.

No trabalho de Boulos temos uma incursão no tema da saúde da população negra e percebemos uma discussão que tem como objetivo pensar as especificidades da população negra. A presença dessa temática no referido trabalho indica haver alguma penetração das ações afirmativas como questão emergente na sociedade brasileira, ainda que tal expressão não seja utilizada no texto.

Encerramos esse resgate com algumas certezas:

A apresentação de trabalhos sobre a temática de raça/etnia tem se mantido constante em uma média que fica em torno de três em cada congresso o que nos dá a dimensão de como esse eixo vem sendo pouco pesquisado pela categoria.

Embora as autoras que abordamos coloquem a relevância de se discutir essa temática como forma de conhecer melhor a população usuária do serviço social, isso não vem se confirmando, ao menos não na produção científica por nós pesquisada. O que nos leva a seguinte questão:

Se a intervenção do assistente social fica cada vez mais qualificada na medida em que o mesmo conhece a realidade em que está inserido, o que ocorre quando um eixo que estrutura a nossa vida social é praticamente ignorado?

E por fim, que práticas transformadoras não podem efetivamente ser realizadas quando os profissionais partem do princípio de que todos os usuários são iguais, e não são percebidas suas singularidades e as situações concretas que são vivenciadas de modo diferenciado por negros e brancos.

Através do mapeamento feito percebe-se o quanto ainda se está distante de produzir um conhecimento mais aprofundado sobre a nossa realidade. Se formos pensar em termos de profissão basta lembrar que os usuários atendidos são compostos em sua maioria por pretos e pardos

È importante ressaltar que até esse momento não foi encontrado nenhum livro que abordasse a temática no serviço social, bem como ao procedermos a investigação na revista

Serviço Social e Sociedade, essa revista foi escolhida por sua grande relevância e impacto no conjunto da produção teórica da profissão, de sua primeira tiragem em 1980 até 2000, não houve nenhum artigo tendo como base essa discussão

A questão central é que embora aja desde 1989 uma fração das assistentes sociais expondo a relevância desta questão, o ínfimo quantitativo de trabalhos apresentados sobre a temática, bem como a ausência de produção de grande circulação demonstra como a categoria não consegue incorporar a questão étnico/racial enquanto dimensão investigativa.

Um olhar após Durban

Procederemos agora uma investigação que tem como enfoque o pós-Durban como um marco no estabelecimento de um novo debate acerca do combate ao racismo e a intensificação de medidas de combate a discriminação e exclusão da população negra.

Adotaremos os seguintes procedimentos metodológicos:

- Analisar os Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais através dos seus anais de 2001 e 2004;
- Buscar artigos publicados na revista Serviço Social e Sociedade da tiragem de 2001 até 2006 sobre a supracitada temática;
- Mapear a produção de livros que se remetam à questão racial e serviço social de 2001 até 2006.

Análise dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais através dos anais de 2001 e 2004

No 10º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais foram apresentadas 3 Comunicações orais sobre raça/etnia em um universo de 559.

Não houve apresentação de pôster sobre essa temática em um universo de 187 pôsteres apresentados.

A partir do referido Congresso são apresentados os resumos das comunicações orais e dos pôsteres, os quais passaremos a abordar a partir desse momento:

- 1- *“O Movimento Negro no Enfrentamento do Racismo” (comunicação oral)*, enviado por Teresa Cristina Vital de Sousa em que a autora coloca o Movimento negro como sujeito político de vital importância para o desmonte do mito da democracia racial, embora chame a atenção para problemas relacionados à unidade dentro do movimento.

Em seu trabalho localizamos a categoria identidade e resistência, embora nesse caso a autora extrapole os limites de uma reivindicação daquele grupo, para um outro padrão reivindicatório que demanda uma luta contra a discriminação e o mito da democracia racial.

2- *“Família Negra: Questões Étnicas, vivência e formação familiares”* (comunicação oral), enviada por Márcia Conceição Martins Correia, historiciza o espaço pesquisado na sua formação constituído desde os seus primórdios por negros livres, e escravos de ganho, se constituindo em um espaço negro desde então. A autora realiza sua pesquisa junto a mulheres negras para investigar a história da constituição das famílias negras.

Nesse trabalho emerge a categoria gênero etnia de forma mais significativa, já que a autora se remete mais propriamente a mulher negra como fio condutor de suas histórias.

3- *“Uma Proposta de Educação através do Lazer, em uma Comunidade Urbana”* (comunicação oral), enviada por Brito R.L., em que a autora nos informa que sua proposta de trabalho se inicia em 1987 e tinha como tema “Educação através do Lazer”, ou seja, a proposta inicial da autora não previa nenhum recorte étnico e vinha no sentido de discutir o lazer enquanto espaço de aprendizado e socialização, na comunidade em que ficou por cinco anos e meio.

O que nos chama a atenção nesse trabalho é o que a autora afirma:

Era uma elevação da auto-estima. Era o aceitar o amor a si mesmo. Era responder à pergunta: Quem sou eu? – Eu sou uma criança inteligente, bonita, com um nome e vou ser um vencedor/a (BRITO, 2001:115)

Mais uma vez vemos a recorrência da baixa auto-estima como a responsável pelas barreiras e dificuldades enfrentadas pelos negros. Não podemos dizer definitivamente, porém a julgar pelos indicativos de Brito, não houve uma problematização do que significa ter auto-estima ou ser um vencedor em uma sociedade calcada na desigualdade e na injustiça.

Percebemos como categoria central no trabalho de Brito a intervenção profissional com ênfase na auto-estima dos usuários, e através das informações fornecidas em seu resumo não nos foi possível constatar concretamente se essa auto-estima estaria relacionada à negritude. Apenas supomos que sim devido ao título do trabalho.

O citado Congresso não aparenta ter sofrido nenhum impacto mediante a Conferência de Durban, e nesse sentido devemos esclarecer que a Conferência e o

Congresso ocorreram no mesmo ano o que pode ter acarretado dificuldades das reflexões terem sido elaboradas a tempo de tornarem-se propostas de comunicação oral ou pôster.

Até então não se percebeu a incorporação da discussão das ações afirmativas que surgiram nos anos 1990, mas tomaram fôlego a partir da Conferência de Durban.

Na sequência das análises o XI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais eixo: Questões de gênero, etnia, raça e sexualidade traz os seguintes trabalhos:

1- *“Anemia Falciforme e Risco Genético” (comunicação oral)* de Flavia Squinca, Débora Diniz, Lúcia Jasper e Cristiano Guedes em que os autores propõem uma etnografia da anemia falciforme no Distrito Federal. Esse trabalho é orientado pela categoria etnicidade e saúde da população negra.

2- *“Considerações sobre as diferentes abordagens sobre a Cultura Negra pela Música Popular Brasileira” (comunicação oral)* de Ilessi Souza da Silva versa sobre a questão da música popular brasileira e sua constituição a partir da africanidade em que a autora problematiza a invisibilização dos elementos negros na música nacional.

Com isso a autora pretende afirmar o ser negro como identidade étnica a ser valorizada.

Nesse sentido entendemos que o trabalho da autora está centrado na categoria identidade e resistência já que ela trabalha com a cultura negra como resistência.

3- *“Discriminação Racial Contra Negros em Escolas de Áreas Pobres: Avançando na Compreensão do Problema” (comunicação oral)* de Clesirlene de Oliveira da Silva em que a autora parte do acontecimento da Conferência de Durban ocorrida em setembro de 2001 para problematizar a relação entre questão racial, juventude e educação.

Silva expõe a necessidade de repensar as relações raciais no Brasil articuladas à juventude como forma de garantir direitos e combater as discriminações. Nesse ínterim a educação tem que ser rediscutida, pois o seu papel junto aos jovens tem sido de reiterar preconceitos e discriminações.

A partir desses aspectos constatamos que a categoria central, no qual se estrutura esse trabalho é o de juventude e “raça”.

4- *“Diferença da trajetória de Vida de Mulheres Jovens, Brancas e Negras, na Favela de Acari.” (comunicação oral)* de Clesirlene de Oliveira Silva em que a autora

objetiva com o seu estudo entender a trajetória das mulheres negras e brancas em relação a situação de vulnerabilidade social, procurando conhecer como essas variáveis irão influenciar em seus ciclos de vida e na mobilidade desses grupos:

A partir desses aspectos podemos constatar que Silva trabalha como categoria central em seu texto os eixos raça e gênero.

- 5- *“Particularidades da Adoção: a questão da etnia” (comunicação oral)* de Ana Maria da Silveira que pretende analisar o racismo como entrave a adoção, e a manutenção do padrão estético da classe dominante, como expressão desse racismo:

O trabalho da referida autora estabelece como categoria central à imbricação racismo e estética.

- 6- *“Quem é o “patinho feio”? A Invenção Cultural da “feiúra” do negro” (comunicação oral)* de Josilene Barbosa do Nascimento tem como objetivo problematizar a idéia de beleza, a partir do entendimento que a mesma é uma construção social, que baliza a construção da beleza atribuída a branquitude e a feiúra a negritude.

O trabalho orienta-se pelas categorias raça e estética

Houve a apresentação de três pôsteres em um universo de 194, os quais passaremos a abordar.

- 1- *“Considerações sobre as Diferentes Abordagens sobre Cultura Negra pela Música Popular Brasileira”* de Ilessi Souza Silva, sobre o qual não nos deteremos mais profundamente neste texto, pois o mesmo é semelhante ao apresentado pela autora em sua comunicação oral.
- 2- *O Perfil dos Trabalhadores em Feira de Santana por Cor no Comércio, Bancos, Hotéis e Restaurantes*, de Maria de Fátima Henrique Campos, Maria da Conceição Barbosa Cintra, Roberto Luiz de Cerqueira Lima, José Aristóteles Rios Nery, Maria das Graças S.B.Porto, Maria de Lourdes Santana que pretende identificar o perfil dos trabalhadores da rede serviços e turismo de Feira de Santana, a partir de um recorte étnico/ racial. A pesquisa constata que a maioria dos empregados, na área de serviços e turismo de Feira de Santana é negra, mas que esses também são os empregados que ganham menos.

Encontramos como categoria central nesse trabalho é: desigualdade racial e mercado de trabalho.

3- *“Raça e Serviço Social”* de Flavia da Silva Clemente e Marilene Maria Ferreira, cujas autoras tinham como objetivo conhecer a relação estabelecida entre questão racial e o serviço social, partindo da análise dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais de 1989, 1995 e 1998, a fim de problematizar essa relação e propor alguns apontamentos de estudo. Tendo como categorias central “raça” e Serviço Social

Os trabalhos do XI CBAS tiveram como categorias principais etnia e saúde, identidade e resistência, estética e racismo, desigualdade racial e mercado de trabalho e serviço social e questão racial.

Não percebemos ainda uma incorporação significativa da discussão das políticas de ação afirmativa nos trabalhos apresentados, embora devemos ressaltar que nos trabalhos sobre etnia e anemia falciforme é esboçada uma relação com a temática da saúde da população negra. Do mesmo modo o trabalho sobre desigualdade racial e mercado de trabalho versa sobre aspectos concernentes a discriminação no mercado de trabalho possivelmente de indicações para o desenvolvimento de medidas afirmativas nessa área, e por fim o que trata da juventude e raça utiliza como meio para a discussão do racismo junto aos jovens a educação, o que demonstra alguma influência de leis como a 10.639/03, que rediscute o negro na sociedade brasileira.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi que no trabalho: *“Discriminação Racial Contra Negros em Escolas de Áreas Pobres: Avançando na Compreensão do Problema”*, a autora situa a Conferência como marco no incremento da discussão racial no Brasil.

O numero de trabalhos no XI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais aumentou em termos absolutos, de três trabalhos (comunicações orais e pôsteres) apresentados no X trabalho, saltamos para nove trabalhos (comunicações orais e pôsteres) no XI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais.

Esse aumento pode ter entre as suas explicações o acontecimento da Conferência de Durban, já que temos inclusive um trabalho que se utiliza da Conferência como marco de sua reflexão.

Porém, ao observarmos o aumento do número total de trabalhos no Congresso (988) percebemos que esse aumento ocorreu, mas que ele pode ser relativizado, já que o aumento no número de trabalhos também se deu de uma forma geral no Congresso. I, ainda que prenuncie um novo fôlego sobre esta questão no Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais.

Ao finalizarmos a revisão empreendida sobre o X e o XI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais podemos concluir que houve uma influência da Conferência de Durban, mas não é possível dizer que há um impacto, pois para isso precisaremos observar se essa tendência de aumento no número de trabalhos sobre “raça”/etnia acontecerá nos próximos Congressos irá aumentar significativamente, se a conferência será incorporada enquanto marco de análise, se surgiram novas propostas em termos de trabalhos articulados a perspectiva das ações afirmativas.

Artigos publicados na Revista Serviço Social e Sociedade, da tiragem de 2001 até 2006 sobre a supracitada temática

- 1- *As abordagens étnico-raciais no Serviço Social* (2004), elaborado pela Ministra Matilde Ribeiro se propõe a estudar a relação entre o serviço social e a questão étnico/racial.

A autora conclui que historicamente tal questão está sendo tratada de forma conservadora pela profissão,

Ribeiro enfatiza a necessidade de se perceber a categoria raça como importante elemento na formulação de políticas públicas. E ao falar sobre este aspecto a autora, não somente, está se remetendo as políticas específicas, mas também a relação estabelecida entre os negros e as políticas públicas, bem como a pouca importância dada ao tema para a formulação das mesmas.

A autora ainda se detém na importância das políticas específicas para esta parte da população. Ela revela a relevância dos movimentos negros e de mulheres negras para pensar políticas públicas voltadas para os negros (as).

- 2- *A Questão Racial na Assistência Social: um debate emergente* (2005), de autoria de Sarita Amaro busca analisar a desigualdade racial, a emergência da política

de ação afirmativa, e como estes se relacionam com a política de assistência social.

A autora afirma em seu artigo que “pratica-se no Brasil uma exclusão pela cor, pela etnia do sujeito, pela atribuição de valor diminutivo e depreciativo ao indivíduo portador de determinada cor de pele” (AMARO, 2005:59) e segue mapeando as iniciativas de ação afirmativa na educação e no trabalho, com referência a propriedade e terra, cultura e comunicação social, até chegar ao centro de sua questão, qual seja: a impermeabilidade da política assistencial às ações afirmativas. Explicita ainda que esta impermeabilidade se deve a um reducionismo do pensamento social brasileiro que definiu a questão da desigualdade como sendo somente uma questão de classe social.

Em suas considerações finais nos remete para a necessidade do enfrentamento pelos profissionais e pelo Estado como um todo da problemática do racismo como mecanismo que relega quase metade da população brasileira a uma cidadania de segunda classe.

As categorias centrais evidentes em seu trabalho são as políticas de ação afirmativa e assistência social.

Ao compararmos os textos de Ribeiro e Amaro encontramos indícios dessa relação, pois ambas referenciam a Durban Ribeiro afirma:

Isso nos leva concluir que as suas produções demarcam a Conferência como importante marco na construção da luta anti-racista e pela implementação de políticas públicas de combate ao racismo.

Mapeamento da produção de livro que se remetam à questão racial e serviço social de 2001 até 2006^{vii}

- 1- *O Serviço Social e a questão étnico-racial*, de Elisabete Aparecida Pinto que trata do tema étnico-racial, na sua relação com os usuários negros.

Algumas das inquietações que levaram a autora a pesquisar sobre o tema são muito próximas de algumas das inquietações da presente pesquisa, tais como: a alta incidência de usuários negros recorrendo ao serviço social; a forma como o serviço social vem elaborando esta questão tanto dos pontos de vista teórico quanto técnico.

É chocante constatar algumas práticas ocorridas no decorrer do exercício profissional de alguns assistentes sociais e descritas por Pinto e que ocorrem, inclusive, quando já está posto em alguma medida o debate sobre a discriminação racial na profissão.

“Uma dessas situações gritantes aconteceu em 1992, quando uma assistente social, em pleno exercício da sua profissão clamou pelo direito de ser racista [...]” (PINTO, 2003:25).

Ao mesmo tempo a autora coloca que a produção de conhecimento no serviço social ainda se mantém distanciada da realidade do preconceito e da discriminação racial e a partir destas constatações vai estruturando sua reflexão. Primeiro situando o serviço social, a partir da discussão de suas principais correntes teóricas do ponto de vista do arcabouço que guia o fazer profissional, e como mesmo nos momentos de rompimento com a ideologia dominante, a discussão racial esta subalternizada. E em seguida expondo a sua experiência enquanto uma aluna negra no curso de serviço social narra as suas dificuldades em conseguir discutir um tema que as próprias professoras se negavam a acreditar que existisse.

A partir daí Pinto mergulha na trajetória intelectual da questão étnico/racial, discutindo como a intelectualidade vem tratando o negro, e como estatisticamente pode-se comprovar o abismo social e econômico que separa brancos e negros no Brasil.

Em seu livro destaca-se a relação entre serviço social e questão racial, perpassada pela dimensão interventiva da profissão.

Sua publicação, além de inaugurar o primeiro livro sobre questão racial no serviço social é um marco nesse debate por se tratar de uma publicação que une as dimensões da formação e da intervenção no serviço social.

Devemos ressaltar que isso demonstra um incremento na produção teórica, embora não possamos afirmar que tal produção tem como marco para a sua socialização a Conferência, pois ainda que ocorra no pós- Durban e no acontecimento das ações afirmativas a autora não faz menção a esse acontecimento.

Do que foi analisado depreendemos que o acontecimento da Conferência de Durban trouxe de fato um incremento na produção teórica da profissão acerca da questão racial, haja vista os indicativos percebidos nos Congressos, nos artigos publicados na revista Serviço Social e Sociedade, e na publicação de livros, ainda que tais demonstrações de avanço dessa temática no serviço social ainda estejam ocorrendo de forma lenta.

Considerações Finais

Conhecemos, ainda que de modo inicial, alguns desafios e limites postos a reflexão racial dentro do serviço social, observamos que os atores que discutem essa questão

permanecem praticamente inalterados, pelo dialogo ainda pouco desenvolvido. O número de produções, ainda que esteja crescendo è diminuta em relacao ao enfrentamento de uma questao que esta no nucleo da formacao socio historica brasileira e dá indícios da dificuldade da profissão em apreender tal questão no momento atual.

Podemos citar algumas hipoteses para isso, dentre elas: a pouca quantidade de professores universitários do serviço social pesquisando sobre questão racial, a subalternidade dessa questão frente a outras tidas como prioritarias, a ideologia da democracia racial presente no contexto nacional etc.

O mito da democracia racial está introjetado no imaginário nacional. A negação da existência do racismo no Brasil, assim como a dificuldade em se falar sobre a negritude são indicadores do quão difícil é para os profissionais enfrentar a realidade da população negra. A profissão esta imersa neste contexto, então o desafio é reconhecer esta inserção, pois enquanto partilharmos da idéia que a profissão não possui práticas racistas será impossível combatê-las. Por outro lado, enquanto a academia que forma esses profissionais, relegar este tema aos bastidores da formação, será difícil reverter o quadro atual.

Ademais, o fato da não discriminação racial estar formalmente posta no Código de ética profissional (CRESS/7R, 2004), não é suficiente, pois é preciso avançar entendendo que a produção teórica que embasa a formação profissional deve encampar a temática da questão racial e os desafios por ela propostos.

É preciso olhar diretamente para o problema da desigualdade racial e deixar de escamoteá-lo como questão decorrente somente desigualdade socioeconômica. Isso porque, se o único problema de desigualdade no Brasil se remetesse ao fosso entre pobres e ricos,

que convenhamos é um abismo, haveria uma representação paritária de negros tanto nas classes populares quanto na classe dominante.

Tal fato deixa clara a necessidade de se pensar políticas sociais que venham a atender essa questão, há uma urgência em se articular as políticas universais com medidas específicas que dialoguem com este segmento da população. É no bojo desta nossa apreciação inicial que entendemos ser necessário a ampliação da discussão étnico/racial no meio profissional.

Referências:

AMARO, S. A. questão Racial na Assistência Social: Um debate emergente. In: Serviço Social e Sociedade Nº 81, São Paulo: ed. Cortez, 2005.

ALMEIDA, M.S.; SANT'ANA, F.C.R. O Serviço Social e os bastidores do racismo VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Natal (RN), 10 a 14 de abril de 1989.

_____. O Imaginário como criação: O Candomblé como Resistência. IX CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Goiânia (GO), JULHO DE 1998.

ANDREWS, G. R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: EDUSC, 1998.

BORGES, E.; D'ADESKY, J.; MEDEIROS, C.A. *Racismo, preconceito e intolerância*. São Paulo: Atual, 2002. .

GRESS 7ª REGIÃO, R J. Código de ética profissional In: Assistente Social: ética e direitos, coletânea de leis e resoluções, 4ª ed ,RJ, Lidador, 2004.

FALEIROS, V.P. *O Que é Política Social?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOULOS, S.R. Hipertensão: uma doença étnica e social. IX CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Goiânia (GO), JULHO DE 1998.

BRITO, R. L. Uma Proposta de Educação através do Lazer, em uma Comunidade Urbana. X CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Rio de Janeiro (RJ), julho de 2001

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE COMBATE AO RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA. *Declaração de Durban e Plano De Ação*. Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2001.

CORREIA, M.C M. Família Negra: Questões Étnicas vivência e formações familiares. X CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Rio de Janeiro (RJ), julho de 2001.

DINIZ, D.; SQUINCA, F. ; JASPER, L.; GUEDES, C. Anemia Falciforme e Risco Genético. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

GUIMARÃES, S. A. Como trabalhar com raça em sociologia. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, Vº 29, N 1, p 93 – 107, 2003

IAMAMOTO, M.V. O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 4ª edição. São Paulo. Ed. Cortez, 2001.

MAIA, R.S. As Escolas de Samba enquanto Organizações Populares – Análise do seu potencial político-ideológico. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. São Paulo (SP), 25 a 28 de maio de 1992.

MIRALES, R. Evidencias de Um Território Negro no Vale do Ribeira. VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Salvador (BA), 2 a 6 de julho de 1995.

_____. A Identidade Quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva. IX CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Goiânia (GO), JULHO DE 1998.

NASCIMENTO, J.B. do. Quem é o “patinho feio”? A Invenção Cultural da “feiúra” do negro. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

PAIXÃO, M.J. P. *Desenvolvimento humano e relações raciais*. Rio de Janeiro: DP&A; LPP/UERJ. 2003

PEREIRA, M. J; RIBEIRO, M; DEUS, S. I. A. A questão racial enquanto elemento de uma prática transformadora. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Natal (RN), 10 a 14 de abril de 1989.

PINHEIRO, M. E. *Serviço Social – Documento histórico*. Ed.Cortez. 1985

PINTO, E. A. O Serviço Social e a Questão Étnico/Racial. VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Salvador (BA), 2 a 6 de julho de 1995.

_____. *O serviço Social e a questão étnico-racial (um estudo de sua relação com usuários negros)*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

RIBEIRO, M. As abordagens étnico-raciais no Serviço Social In: Serviço Social e Sociedade Nº 79, São Paulo: ed. Cortez, 2004.

SANTANA, M. de L. et alli. O Perfil dos Trabalhadores em Feira de Santana por Cor no Comércio, Bancos, Hotéis e Restaurantes. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

SILVA, I. S. da. Considerações sobre as diferentes abordagens sobre a Cultura Negra pela Música Popular Brasileira. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

SILVA, C. de O. da. “Discriminação Racial Contra Negros em Escolas de Áreas Pobres: Avançando na Compreensão do Problema”. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

SILVEIRA, A. M. da. Particularidades da Adoção: a questão da etnia. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Fortaleza (CE), 17 a 22 de outubro de 2004.

SOUSA, T. C. V. de. O Movimento Negro no Enfrentamento do Racismo. X CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Rio de Janeiro (RJ), julho de 2001.

VINAGRE, M. Serviço Social Gênero e Etnicidade: Tecendo as Primeiras Aproximações, VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Anais. Salvador (BA), 2 a 6 de julho de 1995.

WERNECK, J. A luta continua: O combate ao racismo no Brasil pós-Durban. In: Revista do Observatório da Cidadania, nº55. 2005. Disponível em: <http://www.dialogoscontraoracismo.org.br/forms/saibamais.aspx>. Acessado em 01/06/07.

VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. *Relatório do VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais*. São Paulo ed. Cortez, 1991.

ⁱ Para efeitos desse trabalho Passaremos a nomeá-la Conferência de Durban

ⁱⁱ A categoria “raça” biologicamente não existe nesse trabalho ela será utilizada por entendermos que enquanto conceito social ela hierarquiza e estratifica os seres humanos. É preciso situar este conceito apenas como um conceito de análise de fenômenos sociais, nas palavras de Guimarães “[...] as raças são, cientificamente, uma construção social“ (Guimarães, 2003:95).

ⁱⁱⁱ Os 76 milhões referem-se ao ultimo censo do IBGE de 2000, ao agruparmos as categorias pretos e pardos. O termo negro está sendo utilizado como o somatório dos pretos e pardos, segundo classificação do IBGE, isso porque as condições concretas de existência desses dois segmentos são semelhantes e totalmente distancia das condições de vida da população branca (PAIXÃO,2003). Ademais a situação de discriminação ocorre com os pardos, assim como com os pretos, apenas isso se dá de modo diferenciado, embora esses termos não sejam sinônimos acreditamos que possam ser utilizados como tais nesse trabalho, pois guardam uma relação com a negritude, segundo, inclusive o próprio movimento negro e a academia (BORGES, MEDEIROS & DADESKY, 2002).

^{iv} Em entrevista concedida em 2006 para elaboração do trabalho de conclusão de curso a professora doutora Magali da Silva Almeida colocou a importância desse Congresso como marco no surgimento da discussão étnico/racial no âmbito do serviço social

^v Idem

^{vi} Em seu inquérito social Maria Esolina uma das pioneiras do serviço social, já utilizava o dado cor na sua descrição do “menor infrator”, donde se conclui que a profissão fazia uma avaliação de seus casos também, baseada na categoria “raça”, apenas esse não era um conceito levado para a discussão profissional enquanto elemento de sua pratica.

^{vii} Devemos demarcar a existência de um outro livro sobre a temática de autoria do Professor José Barboza, mas que até a finalização desse trabalho não conseguimos ter acesso , dada a dificuldade de circulação do mesmo.